

InterSciencePlace



International Scientific Journal – ISSN: 1679-9844
Nº 5, volume 17, article nº 326, October/December 2022
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.6020/1679-9844/v17n5a326>
Accepted: 22/10/2022 Published: 16/11/2022



FENÔMENOS LINGUÍSTICOS: análise em relatos de procedimento de alunos da eja da cidade de itaperuna-rj

LINGUISTIC PHENOMENA: analysis of procedural reports by students of the EJA in the city of Itaperuna-RJ

Clodoaldo Sanches Fofano

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem – UENF
clodoaldosanches@yahoo.com.br

Sinthia Moreira da Silva

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem – UENF
sinthia_moreira@hotmail.com

Rhaísa Sampaio Bretas Barreto

Mestra no Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem – UENF
rhaissabretas@hotmail.com

Edma Regina Peixoto Caiafa Balbi

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem – UENF
ebalbi23@hotmail.com

Eliana Crispim França Luquetti

Doutora e Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora associada ao programa de mestrado e doutorado em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).
elinafff@gmail.com

Resumo - O proposto trabalho é baseado no *corpus* "Língua falada e escrita na região Norte-Noroeste Fluminense" (em elaboração), organizado pela Profa. Dr^a Eliana Crispim França Luquetti que se valeu de entrevistas individual gravadas. Assim, apresenta como objetivo geral analisar fenômenos linguísticos em relatos de procedimento presentes nas falas de alunos da EJA da cidade de Itaperuna-RJ, a partir de estudos ministrados em sala de aula do programa de mestrado e doutorado em Cognição e Linguagem. Neste estudo, a metodologia empregada foi pesquisa qualitativa e quantitativa de base bibliográfica, documental, dedutiva e exploratória, com a utilização de 21 entrevistas do *corpus*. Portanto, desenvolver uma pesquisa utilizando um banco de dados construído por entrevista individual gravada de relatos de procedimento como gênero textual oral, configura-se o método mais básico para se alcançar um quantitativo de dados de confiança da fala de um sujeito. Isto porque a fala em uma entrevista representa a expressão comunicativa de vivências cotidianas.

Palavras-chave: Fenômenos linguísticos. Relatos de procedimento. Alunos da EJA.

Abstract - The proposed work is based on the corpus "Spoken and written language in the North-Northwest Fluminense region" (in preparation), organized by Profa. Dr. Eliana Crispim França Luquetti who used recorded individual interviews. Thus, it has the general objective of analyzing linguistic phenomena in reports of procedures present in the speeches of EJA students in the city of Itaperuna-RJ, based on studies taught in the classroom of the master's and doctoral program in Cognition and Language. In this study, the methodology used was qualitative and quantitative research based on bibliography, documents, deduction and exploration, using 21 interviews from the corpus. Therefore, developing a research using a database built by individual interview recorded with reports of procedure as oral textual genre, configures the most basic method to reach a quantitative reliable data of the speech of a subject. This is because speech in an interview represents the communicative expression of everyday experiences.

Keywords: Linguistic phenomena. Procedure reports. EJA students.

Introdução

Quando pensamos em língua como instrumento de comunicação, devemos levar em consideração que toda pessoa, independente do grau de escolaridade, sexo, faixa etária, função social, fala; a não ser que apresente alguma deficiência (auditiva, cerebral, motora etc.). Desse modo, entendemos que o homem nasce preparado para falar, aprender uma língua, independente de qual seja e assim se expressar de forma que possa "agir no mundo" (FIORIN, 2015).

Diferente do que acontece com a escrita. Só se aprende a escrever depois que

se domina a fala. Logo, a escrita não representa uma simples transcrição da fala; uma vez que está mais subordinada às normas gramaticais. Nesse sentido, exige mais atenção e conhecimento do falante (MARCUSCHI, 1997).

Por meio de um *corpus* este artigo objetiva analisar ocorrências linguísticas em relatos de procedimento presentes nas falas de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da cidade de Itaperuna-RJ. Além disso, pretendemos: Discutir a função social do relato de procedimento como gênero textual. Apresentar um breve histórico da formação da EJA como modalidade de ensino. Identificar fenômenos linguísticos em relatos de procedimento de alunos da EJA por meio de entrevistas. Diante disso, levamos a seguinte questão-problema: Quais fenômenos linguísticos são recorrentes em relatos de procedimento nas falas de alunos da EJA da cidade de Itaperuna-RJ?

Com este fim, estruturamos o texto em três seções. A primeira discute a função social do relato de procedimento como gênero textual. A seguinte apresenta um breve histórico da formação da EJA como modalidade de ensino. A última identifica variações linguísticas em relatos de procedimento de alunos da EJA em entrevistas.

RELATO DE PROCEDIMENTO: função social do gênero textual

Em relação ao relato de procedimento, vale ressaltar que tal texto pode se configurar como gênero oral, que permitiu aos respondentes do *corpus* ensinar ou instruir sobre o desenvolvimento de alguma atividade que fosse do interesse deles. Essas construções textuais permitem expressões com mais espontaneidade perante o entrevistador, a fim de possibilitar a percepção de fenômenos linguísticos presentes na fala, ligados diretamente à variação linguística, isso ocorre devido ao fato de que a oralidade desconstrói os pilares do cerne da comunicação escrita (CARVALHO, 2011).

Na concepção de Marcuschi (1997), o relato de procedimento representa uma forma de comunicação que se configura por meio de modelos funcionais, domínio do estilo do autor, construção temática, além da estrutura de composição. Cabe ainda destacar que em tais textos, encontram-se terrenos discursivos de ações realizadas no passado como forma de compartilhar conhecimento de mundo e experiências vivenciadas (MARCUSCHI, 2008).

Esses fatores são importantes para utilização desse gênero textual em entrevista com alunos da EJA, uma vez que são pessoas que possuem uma vasta vivência a ser compartilhada. Dessa maneira, essas representações

linguísticas/discursivas, que são também memorialísticas, nasceram do desenvolvimento de aprendizagem significativa, associada a conteúdos de estudo apreendidos no percurso da vida estudantil desses alunos.

Mas, antes de refletir sobre os fenômenos linguísticos dos relatos de procedimento do *corpus*, faz-se necessário retomar de forma breve a história desta modalidade de ensino, a EJA; a fim de se compreender melhor as variantes escolhidas para a seleção dos fenômenos linguísticos que serão analisados.

Breve histórico da EJA

Fazendo um breve retrospecto sobre os documentos oficiais que respaldam essa modalidade de ensino, observa-se que o início da regulamentação da EJA data da promulgação da Constituição de 1988 em que a educação foi definida como de responsabilidade do estado, devendo ser o “ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1996, Art. 208).

Após a Constituição, é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96 - LDB) que volta a dispor sobre a EJA e apresenta, em seu Artigo 37, essa modalidade como voltada para atender aos jovens e adultos “que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996, Art. 37). No mesmo artigo 37, a LDB propõe a articulação da EJA com a educação profissional. Destaca ainda que esse grupo de alunos apresenta especificidades a serem consideradas no processo de ensino e aprendizagem.

Em maio de 2000, a Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE) aprova o Parecer 11/2000, que trata das diretrizes para a EJA e apresenta os “Fundamentos e Funções da EJA”. Segundo esse mesmo parecer, a EJA representa o resgate de uma dívida social com aqueles que estiveram ausentes das salas de aula para, com a sua força de trabalho, contribuir para o desenvolvimento do nosso país (BRASIL, 2000).

O Documento Base do Proeja (2007) traz a proposta de elevação da escolaridade desses sujeitos trabalhadores que foram alijados do processo educacional, porém destaca que esse aumento no nível de escolaridade deve vir atrelado a uma formação profissionalizante e de qualidade para formá-los integralmente e possibilitar-lhes uma melhor condição de vida e participação efetiva

na sociedade (BRASIL, 2007).

Em seguida, nas versões 1 e 2 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que surgiram do debate nacional, a EJA ocupou um espaço mais específico no debate, porém, nas versões finais, perdeu esse espaço. O MEC passou a enquadrar essa modalidade de ensino como educação regular e justificou dizendo que era para que o segmento deixasse de ser estigmatizado (BRASIL, 2017).

Vale destacar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em suas diretrizes, atribuem à linguagem um caráter de “herança social” que, depois de adquirida será inerente ao indivíduo e irá acompanhá-lo em todo o seu processo de aquisição de conhecimentos, em suas interações e em suas ações (BRASIL, 2002). A partir desse caráter da linguagem, optamos por analisar os relatos de procedimento do *corpus* por ser o gênero em questão adequado para o uso da linguagem oral.

Metologia

Neste artigo, inicialmente, a metodologia empregada foi a pesquisa qualitativa e quantitativa. Na pesquisa qualitativa verificamos não por meio de números a “relação da realidade com o objeto de estudo, obtendo várias interpretações de uma análise indutiva por parte do pesquisador” (DALFOVO; LANA; SILVEIRA, 2009, p. 6).

O *corpus* utilizado para as análises constitui-se de um banco de fala que configura situação real de uso em língua escrita, com marcas de oralidade. Este material pertence ao Grupo de Estudos Linguagem e Educação da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), intitulado “Língua falada e escrita na região Norte-Noroeste Fluminense” (em elaboração), organizado e coordenado pela professora Dr^a Eliana Crispim França Luquetti que se valeu de entrevistas individual gravadas. Afirma Luquetti que, na primeira edição de 2012, este documento foi composto:

“[...] por depoimentos de 143 informantes, sendo 77 da região Noroeste e 66 da região Norte Fluminense. Cada um destes produziu cinco tipos distintos de textos orais e escritos. Os tipos de textos são: 1) Narrativa de experiência pessoal; 2) Narrativa recontada; 3) Descrição de local; 4) Relato de procedimento; e 5) Relato de opinião” (LUQUETTI, 2012, p. 10).

Assim, no desenvolvimento da pesquisa quantitativa para este artigo, traduzimos em números as variáveis recorrentes nos relatos de procedimento, uma

vez que este método possibilita representar em quantidade a análise realizada. Usamos 21 entrevistas de um banco de dados, sendo os respondentes compostos por 18 homens e 3 mulheres. É importante evidenciar que os entrevistados foram alunos da EJA da cidade de Itaperuna-RJ.

Em seguida, a pesquisa constitui-se como bibliográfica composta de um levantamento bibliográfico do que se produziu sobre o assunto em um acervo composto de documentos oficiais, dissertação, livros e artigos científicos (LAKATOS; MARCONI, 2009); além de documental, dedutiva e exploratória a fim de alcançar “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41).

Desse modo, elegemos a organização metodológica deste estudo para realizar as análises propostas a fim de alcançar um quantitativo de dados de confiança da fala de sujeitos como expressão de vivências relacionadas ao dia a dia.

Análise de fenômenos linguísticos em relatos de procedimento

A coleta de dados no *corpus*, por intermédio de entrevista individual gravada, apresenta a fala normal dos respondentes com suas variações. Na concepção de Labov,

“Toda pessoa que comece a estudar a língua em seu contexto social imediatamente depara com o clássico problema metodológico: os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados a serem coletados. O método mais básico para se obter uma quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada. A fala da entrevista é fala formal – não por qualquer medida absoluta, mas em comparação com o vernáculo da vida cotidiana” (LABOV, 1972, p. 63).

De acordo com a compreensão do linguista estadunidense, pudemos analisar diversos fenômenos linguísticos em relatos de procedimento, identificamos a recorrência de algumas variáveis presentes nos discursos dos alunos, conforme explicitamos no Quadro 1:

Quadro 1: Marcadores linguísticos gerais.

VARIÁVEIS RECORRENTES NOS RELATOS DE PROCEDIMENTOS DE ALUNOS DA EJA – ITAPERUNA							
“você	“cê”	<u>“a gente”</u> (41)	“pra”	“aí”	“daí”	<u>“é”</u> (26)	“tá”
<u>“né”</u> (16)	“onde”	“de um”	“no caso”	<u>“tipo”</u> (13)	“tava”	“já”	_____

Fonte: Elaborado pelos autores.

Dentre as variáveis do Quadro 1, foram selecionadas quatro, são elas: “né”, “a gente”, “tipo” e “é”. Tais variáveis serão divididas para serem analisadas. Portanto, a variável com mais ocorrência nos relatos de procedimento foi a expressão “a gente”, aparecendo 41 vezes. Isso ocorre por ser um vocábulo muito utilizado como registro informal entre as pessoas, sendo algo que está diretamente ligado à oralidade. Quando usada, sugere uma ideia de coletividade e pertencimento ao representar todos os respondentes, de maneira que aproxima os falantes numa relação de intimidade.

Em seguida, com um número bastante significativo, aparece o vocábulo “é”, com 26 aparições nas falas. Como observamos, é uma variável muito utilizada para as pessoas organizarem o pensamento durante a interação discursiva, no momento em que se faz uso da linguagem na modalidade oral. Assim, podemos inferir que a utilização desse termo contribui para que o respondente não se expresse sem antes pensar no que disser, ao fazer uso do tempo a seu favor.

A variável “né” apareceu 16 vezes. Sendo assim, parece que este vocábulo, dentro da sua ocorrência de uso, apresenta função fática discursiva com o objetivo de manter o diálogo entre entrevistador e entrevistado, na tentativa de o locutor saber se o interlocutor está atento e entendendo o relato de procedimento. Além de sugerir uma busca de confirmação do que está sendo relatado por parte do respondente.

Já a variável “tipo” apareceu por 13 vezes, sendo utilizada em um contexto mais informal e entre as pessoas mais jovens, para organizarem o pensamento e dar continuidade na fala. Mas também funciona como instrumento linguístico que estabelece comparações. Ou ainda introdução de falas explicativas. Diante de tantas ocorrências de marcadores, foi dividida a frequência dos vocábulos de acordo com a função social, como percebemos no Quadro 2:

Quadro 2: Marcadores linguísticos de acordo com a função social.

Frequência das variáveis linguísticas de acordo com a FUNÇÃO SOCIAL					
FUNÇÃO SOCIAL	<u>OCORRÊNCIA DOS VOCÁBULOS</u>				TOTAL
	“a gente”	“né”	“tipo “	“é”	
ESTUDANTE (5)	14	5	10	9	38
ESTUDANTE E TRABALHADOR (16)	27	11	3	17	58

Fonte: Elaborado pelos autores.

A divisão de frequência das variáveis no Quadro 2 será analisada de acordo com entrevistados estudantes e estudantes/trabalhadores. Nesse sentido, ao avaliar a categoria de estudante, percebemos que os dois vocábulos mais utilizados por eles foram “a gente” e “tipo”. Além disso, cabe destacar que no grupo de estudante/trabalhador a expressão “a gente” apareceu com mais recorrência, talvez porque as pessoas que tenham essa função escolástica modalizam os relatos das ações, ao entenderem que não são seres únicos, mas coletivos, uma vez que são pessoas que vivem em sociedade.

Diante disso, chegamos à percepção de que a língua oral destes grupos de respondentes se distancia de forma significativa do que propõe a norma-padrão. Mas também, cabe ressaltar que encontramos nas falas uma recorrência significativa do uso do termo “é”.

Agora, nossa análise será baseada nas variáveis encontradas nas narrativas de respondentes do sexo feminino e sexo masculino, conforme observamos no Quadro 3:

Quadro 3: Marcadores linguísticos de acordo com o sexo.

Frequência das variáveis linguísticas de acordo com a SEXO					
SEXO	<u>OCORRÊNCIA DOS VOCÁBULOS</u>				TOTAL
	“a gente”	“né”	“tipo “	“é”	
FEMININO (3)	14	3	2	7	26
MASCULINO (18)	27	13	11	19	70

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir das frequências de uso das variantes “a gente” e “é” entre os sexos no Quadro 3, para justificar tal fato, pensamos na possibilidade de as mulheres serem mais espontâneas no ato de falar, sem se sentirem inibidas. Já os homens aparentam ser mais reflexivos, de forma que necessitam de um tempo maior de organização do pensamento para terem segurança em seus relatos de procedimento.

Por fim, faremos uma análise com base nas variáveis encontradas nas narrativas de respondentes de acordo com a faixa etária, como percebemos no Quadro 4 que virá a seguir:

Quadro 4: Marcadores linguísticos de acordo com a faixa etária.

Frequência das variáveis linguísticas de acordo com a FAIXA ETÁRIA					
FAIXA ETÁRIA	<u>OCORRÊNCIA DOS VOCÁBULOS</u>				TOTAL
	“a gente”	“né”	“tipo “	“é”	
20 – 30 ANOS (9)	20	5	11	10	46
30 – 40 ANOS (8)	19	6	1	15	41
MAIS DE 40 ANOS (4)	2	5	1	1	9

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por meio da frequência de uso do vocábulo “tipo” no Quadro 4, inferimos que os mais jovens fazem tal escolha linguística provavelmente porque aderem com mais propriedade aos modismos linguísticos presentes na sociedade. Inclusive, o uso deste termo é atual e recorrente na língua falada, de maneira que alcança a escrita com facilidade. Mesmo que alunos sejam ensinados no ambiente escolar que a escrita não pode ser uma simples transcrição da fala.

Considerações finais

Ao levarmos em consideração as diferenças entre fala e escrita, percebemos que a fala acontece de maneira espontânea e natural, já a escrita necessita seguir algumas regras. Mesmo sendo expressões do mesmo idioma, língua falada e língua escrita apresentam suas diferenças.

Portanto, a fala é a mais natural, uma pessoa aprende a falar ao ouvir outra.

Logo, essa naturalidade possibilitará o surgimento do que denominamos de variação linguística, que por sua vez, representa o valor dos falantes de uma língua, mas também a avaliação social dessas pessoas.

Nesse sentido, o gênero textual relato de procedimento torna-se um campo inesgotável de análises de fenômenos linguísticos, já que tais registros transcritos oferecem marcas da oralidade pertencentes a um grupo específico de respondentes (alunos da EJA) que pretenderam partilhar conhecimento de mundo e experiências do cotidiano.

Destarte, ao analisarmos os fenômenos linguísticos propostos dentro das recorrências, consideramos que, muitas vezes, tais variantes são vistas somente como “vícios de linguagem”. No entanto, nos relatos de procedimento coletados no *corpus* "Língua falada e escrita na região Norte-Noroeste Fluminense" (em elaboração), compreendemos que esses vocábulos também cumprem a função de contribuir com o processo de construção das narrativas, além de instrumentos facilitadores da comunicação, para que os respondentes se fizessem compreendidos, visto que a linguagem desenvolve o papel de realização das necessidades naturais do ser humano.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96)**. Art. 26. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm#:~:text=disposto%20neste%20artigo.-,Art.,da%20economia%20e%20da%20clientela.>. Acesso em: 14 dez. 2021.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Parecer 11/2000**. Brasília. 2000.

_____. **Ministério da Educação. PCN+**. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 14 dez. 2021.

_____. MEC. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA): **Documento Base**. Brasília: MEC/SETEC, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

CARVALHO, Maria José Lima de. **Gênero relato de experiência: um olhar sobre as**

estratégias cognitivas e discursivas em aquisição linguísticas. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6363?locale=pt_BR. Acesso em: 13 de dez. 2021.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008.

FIORIN, José Luiz. (Org). **Linguística? Que é isso?**. São Paulo. Contexto, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M.M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LUQUETTI, Eliana Crispim França (org.). **A língua falada na região norte e noroeste fluminense**. Universidade Estadual do Norte Fluminense. Campos dos Goytacazes – RJ, EDUENF, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e escrita. Signótica**, Goiás, v. 9, n. 1, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sig.v9i1.7396>. Acesso em: 13 de dez. 2020.

_____. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.